Lição 6: A Natureza e as Propriedades do Prazer

> *Ora, todo sentido opera em relação ao sensível, e o que está perfeitamente bem disposto opera em relação ao mais belo dentre os que jazem sob o sentido; pois tal operação parece ser, ao máximo, a operação perfeita. [2022]*
>
> *Ora, dizer que opera o próprio sentido ou aquele em quem ele está em nada difere; segundo cada coisa, ótima é a operação daquele que está otimamente disposto em relação ao mais poderoso dentre os objetos que estão sob ele. [2024]*
>
> *E esta será, sem dúvida, a mais perfeita e a mais deleitável. Pois segundo todo sentido há prazer, e semelhantemente também segundo o intelecto e a contemplação; e a mais deleitável é a mais perfeita, e a mais perfeita é a daquele que está bem disposto em relação ao mais excelente dentre os objetos que estão sob ele. [2025]*
>
> *Ora, o prazer aperfeiçoa a operação, mas não do mesmo modo o prazer a aperfeiçoa e o sensível e o sentido, sendo estes coisas boas; assim como nem a saúde e o médico são de modo semelhante causa daquilo que é ser curado. [2027]*
>
> *Ora, que segundo cada sentido se produza prazer é manifesto: pois dizemos que as visões e as audições são deleitáveis. [2028]*
>
> *É manifesto também que há prazer ao máximo quando o sentido é o mais poderoso e opera em relação a tal objeto. E, permanecendo assim tanto o sensível quanto o sentiente, sempre haverá prazer, existindo o que faz e o que padece. [2029]*
>
> *Ora, o prazer aperfeiçoa a operação não como um hábito que lhe é inerente, mas como um certo fim que sobrevém, tal como aos jovens a beleza. [2030]*
>
> *Enquanto, pois, o sensível ou o inteligível for tal como convém e enquanto for tal aquele que discerne ou contempla, haverá prazer na operação. Pois, permanecendo semelhantes as coisas e conservando-se do mesmo modo entre si tanto o passivo quanto o ativo, é natural que se produza o mesmo. [2032]*

> *Como, então, ninguém se deleita continuamente? Ou será por causa do cansaço? Pois todas as coisas que têm corpo não podem operar continuamente. Portanto, tampouco se produz o prazer continuamente; pois ele acompanha a operação. [2033]*
>
> *Ora, algumas coisas deleitam quando novas, mas depois não do mesmo modo, por causa disto. Pois, primeiro, a mente está inclinada e opera intensamente acerca das mesmas coisas, como os que olham fixamente com a visão; depois, porém, a operação não é assim, mas negligente, e por isso também o prazer se obscurece. [2034]*
>
> *Ora, poderia alguém julgar que todos apetecem o prazer, porque também todos apetecem viver, e a vida é uma certa operação, e cada um opera acerca daquelas coisas e naquelas coisas que mais ama; por exemplo, o músico com a audição acerca das melodias, o amante do saber com a mente acerca dos teoremas, e assim também cada um dos demais. Ora, o prazer aperfeiçoa as operações e também o viver, que apetecem. Razoavelmente, portanto, apetecem também o prazer; pois ele aperfeiçoa a cada um o viver, sendo este algo eleger. [2036]*
>
> *Ora, se elegemos viver por causa do prazer ou o prazer por causa de viver, deixe-se de lado no presente; pois estas coisas parecem estar unidas e não admitir separação, pois sem operação não se produz prazer <...>. [2037]*

2022. ***Ora, todo sentido*** etc. Depois de o Filósofo ter mostrado que o prazer não está no gênero do movimento, como alguns sustentaram, aqui mostra a natureza e as propriedades do prazer.

E primeiro mostra o que é o prazer;

segundo, trata da diferença dos prazeres entre si, ali: ***donde parecem*** etc.

Acerca do primeiro faz duas coisas:

primeiro mostra o que é o prazer;

segundo, a partir disto determina certas propriedades do prazer, ali: ***enquanto, porém*** etc.

Acerca do primeiro faz duas coisas:

primeiro mostra que o prazer é uma certa perfeição da operação;

segundo, torna manifestas certas coisas que havia dito, ali: ***ora, segundo cada*** etc.

Acerca do primeiro faz três coisas:

primeiro mostra qual seja a operação perfeita;

segundo mostra que a perfeição da obra é o prazer, ali: ***e esta, sem dúvida*** etc.;

terceiro mostra de que modo o prazer aperfeiçoa a operação, ali: ***ora, aperfeiçoa a operação*** etc.

Acerca do primeiro faz duas coisas.

Primeiro mostra o que se propõe.

2023. E diz que a operação de qualquer sentido é a de algo que opera em relação ao sensível, que é o objeto do sentido;

assim, portanto, na operação do sentido consideram-se duas coisas,

a saber, o próprio sentido, que é o princípio da operação,

e o sensível, que é o objeto da operação;

para que, portanto, a operação do sentido seja perfeita, requer-se a ótima disposição por parte de ambos, a saber, do sentido e do objeto. E por isso acrescenta que o sentido opera perfeitamente quando é a operação do sentido bem disposto em relação a algo belíssimo, isto é, o mais conveniente dentre aquilo que está sob o sentido. Pois isto parece ser, ao máximo, a operação perfeita, a saber, aquela que procede do sentido em comparação com tal objeto.

2024. Segundo, ali: ***ora, o próprio*** etc., faz menção de uma certa dúvida. Pois, tendo dito que o sentido é o que opera, e tendo-se dito no primeiro livro Da alma que a alma não opera, mas o homem por meio da alma, por isso acrescenta que nada difere para o propósito se opera o próprio sentido ou o homem, ou o animal em quem está o sentido, porque, qualquer destes que se diga, é manifesto que, acerca de cada coisa, ótima é a operação daquele que opera otimamente disposto em relação àquilo que é o mais poderoso dentre as coisas que estão sob a potência de tal operante. Pois destas duas coisas parece depender ao máximo a perfeição da operação, a saber, do princípio ativo e do objeto.

2025. A seguir, quando diz: ***e esta, porém*** etc., mostra que o prazer é a perfeição da operação. Pois vemos que a mesma operação que dissemos ser a mais perfeita é também a mais deleitável. Pois onde quer que se encontre em algum conhecente uma operação perfeita, ali também se encontra uma operação deleitável; pois há prazer não somente segundo o tato e o gosto, mas também segundo todo sentido, e não somente segundo o sentido, mas também segundo a contemplação do intelecto, enquanto contempla algo verdadeiro com certeza,

2026. e, dentre tais operações do sentido e do intelecto, é a mais deleitável aquela que é a mais perfeita, e a operação mais perfeita é a do sentido ou do intelecto bem disposto em comparação com o melhor dentre aquilo que está sob o sentido ou o intelecto. Se, portanto, a operação perfeita é deleitável, e a mais perfeita é a mais deleitável, segue-se que a operação, enquanto é perfeita, é deleitável. Logo, o prazer é a perfeição da operação.

2027. A seguir, quando diz: ***ora, aperfeiçoa*** etc., mostra de que modo o prazer aperfeiçoa a operação. E diz que o prazer não aperfeiçoa a operação, por exemplo do sentido, do mesmo modo que a aperfeiçoa o objeto, que é o sensível, e o princípio ativo, que é o sentido, os quais todos são certos bens e conferem bondade à operação; assim como também daquilo que é ser curado não são do mesmo modo causa a saúde e o médico, mas a saúde por modo de forma, e o médico por modo de agente. Semelhantemente, o prazer aperfeiçoa a operação por modo de forma, sendo ele mesmo a perfeição dela, ao passo que por modo de agente a aperfeiçoa o sentido bem disposto, como o movente movido, e o sensível conveniente, como o movente não movido. E a mesma razão vale acerca do intelecto.

2028. A seguir, quando diz: ***ora, segundo cada*** etc., torna manifestas certas coisas que havia dito.

E primeiro diz ser manifesto que segundo cada sentido há prazer, como acima se disse, pelo fato de dizermos e experimentarmos que as visões são deleitáveis, por exemplo, das formas belas, e também as audições, por exemplo, das suaves melodias.

2029. Segundo, ali: ***é manifesto, porém*** etc., torna manifesta outra das premissas, dizendo ser manifesto pela experiência que a visão e a audição e qualquer operação do sentido é ao máximo deleitável quando tanto o sentido é o mais poderoso, isto é, o que otimamente vigora em sua potência, quanto quando opera em relação a tal objeto, a saber, o mais conveniente. E enquanto permanece em tal disposição tanto o próprio sensível quanto o animal que tem o sentido, tanto tempo permanece o prazer, assim como também nas outras coisas se manifesta que, enquanto permanece a mesma disposição do que faz e do que padece, é necessário que permaneça o mesmo efeito.

2030. Terceiro, ali: ***ora, aperfeiçoa*** etc., torna manifesto o que acima se disse acerca do modo pelo qual o prazer aperfeiçoa a operação. Pois se disse que o prazer aperfeiçoa a operação não efetivamente, mas formalmente;

ora, é dupla a perfeição formal:

uma, sem dúvida, intrínseca, que constitui a essência da coisa;

outra, porém, que sobrevém à coisa já constituída em sua espécie.

2031. Diz, portanto, que o prazer aperfeiçoa a operação não como um hábito que lhe é inerente, isto é, não como uma forma que entra na essência da coisa, mas como um certo fim, isto é, uma certa perfeição, que sobrevém, assim como a beleza sobrevém aos jovens, não como existindo da essência da juventude, mas como consequência da boa disposição das causas da juventude; e semelhantemente o prazer segue-se à boa disposição das causas da operação.

2032. A seguir, quando diz: ***enquanto, porém*** etc., determina as razões de certas propriedades do prazer a partir daquilo que foi predeterminado acerca de sua quididade.

E primeiro trata da duração do prazer;

em segundo lugar, sobre sua apetibilidade, ali: ***appetere autem*** etc.

Acerca do primeiro, faz três coisas.

Primeiro mostra por quanto tempo deve durar a delectação. E diz que haverá delectação na operação enquanto, por um lado, o objeto, que é sensível ou inteligível, estiver na devida disposição, e, por outro lado, o próprio operante, que é o que discerne pelo sentido ou especula pelo intelecto. E a razão disto é que, enquanto no ativo e no passivo permanecer a mesma disposição e a mesma relação entre si, permanece o mesmo efeito; por isso, se a boa disposição da potência cognoscitiva e do objeto é a causa da delectação, enquanto ela durar é necessário que a delectação dure.

2033. Segundo, ali: ***qualiter igitur*** etc., atribui a razão pela qual a delectação não pode ser contínua. E diz que por isso ninguém se deleita continuamente, porque se cansa na operação que a delectação acompanha, e assim a operação se torna não deleitável. Ora, isto se dá porque todas as coisas que têm corpos passíveis não podem operar continuamente, pelo fato de que seus corpos são alterados em sua disposição pelo movimento que se junta à operação; ora, a toda operação de uma coisa que tem corpo, o próprio corpo de algum modo serve, ou imediatamente, como à operação sensitiva, que é produzida por órgão corpóreo, ou mediatamente, como à operação intelectiva, que usa as operações das virtudes sensitivas, que se fazem por órgãos corpóreos. Assim, pois, visto que não pode haver operação contínua, tampouco a delectação pode ser contínua; pois a delectação segue a operação, como foi dito.

2034. Terceiro, ali: ***quaedam autem delectant*** etc., atribui a razão pela qual as coisas novas deleitam mais. E diz que algumas coisas, quando são novas, deleitam, mas depois não deleitam igualmente. E a razão disto é que no princípio a mente se inclina estudiosamente para tais coisas por desejo e admiração e assim intensamente, isto é, veementemente, opera acerca de tais coisas

2035. e disto se segue uma delectação veemente; como é evidente naqueles que olham estudiosamente algo que antes não haviam visto, por admiração, mas depois, quando se acostumaram a ver, não se dá tal operação, isto é, que vejam tão atentamente ou façam qualquer outra coisa como antes, mas operam negligentemente e por isso também a delectação se obscurece, isto é, é menos sentida.

2036. Em seguida, quando diz: ***appetere autem*** etc., atribui a razão pela qual a delectação é apetecida por todos.

E acerca disto faz duas coisas.

Primeiro manifesta o que propõe. E diz que por isso alguém pode razoavelmente estimar que todos apetecem a delectação, porque todos naturalmente apetecem viver, e a vida, segundo sua última perfeição, consiste em certa operação, como se mostrou no livro nono, e daí vem que cada um opera sobretudo acerca daquilo e insiste naquelas operações que mais ama; como o músico insiste sobretudo em ouvir as melodias e aquele que é amante da sabedoria insiste sobretudo em especular com a mente os teoremas, isto é, as considerações. Por isso, visto que a delectação aperfeiçoa a operação, como se disse acima, segue-se que aperfeiçoa o próprio viver, que todos apetecem. E assim é razoável que todos apeteçam a delectação, pelo fato de que aperfeiçoa o

viver, que é para todos digno de escolha.

2037. Segundo, ali: ***utrum autem*** etc., suscita certa dúvida a partir do que foi dito. Pois foi dito que todos apetecem a delectação, e igualmente todos apetecem viver, o que se aperfeiçoa na operação; ora, as coisas apetecíveis têm ordem entre si, como também as cognoscíveis; pode, pois, haver dúvida se os homens apetecem a vida por causa da delectação ou, ao contrário, a delectação por causa da vida.

2038. E diz que essa dúvida deve ser deixada por ora, porque essas duas coisas estão de tal modo unidas entre si que de modo algum se separam; pois não há delectação sem operação, nem tampouco pode haver operação perfeita sem delectação, como se disse acima. Parece, todavia, que a operação é mais principal do que a delectação; pois a delectação é o repouso do apetite na coisa deleitável que alguém possui pela operação, e ninguém apetece o repouso em algo senão enquanto o estima conveniente para si, e por isso a própria operação, que deleita como algo conveniente, parece ser apetecível antes que a delectação.

Revision #2
Created 11 October 2026 19:07:50 by Admin
Updated 17 October 2026 13:42:13 by Admin